

# AURORA

# A OBREIRA

REVISTA N° 52  
ANO 4 - 2015  
JULHO

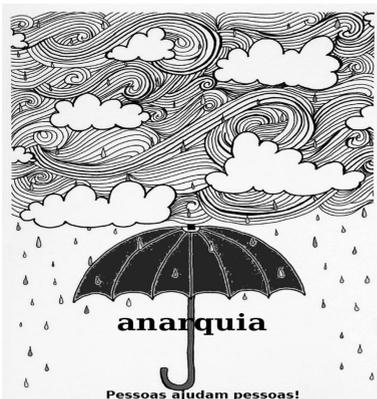
EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!



**OPRIMIDAS E EXPLORADAS**  
**NOSSA DIGNIDADE ESTÁ NA LUTA**



## EDITORIAL



Há preconceitos que não conseguimos identificar pelo motivo de se fixarem muito próximos de nossos olhos, nos cegando e obstruindo uma visão mais ampla. Mas não é o bastante, isso não serve para não tentarmos mudar, revolucionar a nós e ao nosso redor.

O que é acontece é que na sociedade atual isso não é todo possível. Uma vez que os indivíduos na sociedade em que vivem são privados de satisfazerem seus anseios, desejos, ou simplesmente serem plenos na concepção que criam de si e do mundo, estão se flagelando, se castrando, causando a si mesmos e ao seu redor problemas e contradições que se não cuidadas, se tornaram danos permanentes a tal pessoa. Isso na concepção anarquista deve ser compreendido e combatido, identificando o problema e ir a sua solução, não de uma forma certa, porque não há (deixemos as formas certas a quem as considera existirem, mas não venham nos impô-las depois, assumindo uma postura de serem os portadores de uma sapiência sacra ou científica), mas de uma forma em que se faça a satisfação de todos os participantes e estes respeitem-se.

# AURORA OBREIRA

Barricada Libertária. iniciativa de ação direta e local para divulgação e propaganda do anarquismo sem partido. sem religião. sem Estado.



## AURORA OBREIRA

Número 52 - Julho 2015. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes. sem opressão e sem exploração.

Redação: Barricada Libertária  
Colaboração: Fenikso Nigra. Artista Anarquista. Danças das Idéias. ATB.  
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus. Libreoffice. Inkscape. Gimp. OS Mint 17

Contatos:  
Barricada Libertária: lobo@riseup.net  
barriliber@anarkio.net  
barriliber@riseup.net  
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net  
fenikso@anarkio.net

<http://anarkio.net>



-Creative Commons: loj rezervitaj rajtoj  
-Atribuo: Vi citu ĉi tion aŭtoron:  
Copyleft: Liberacana Barikado - 2015;  
-Ne komerce uzo: Vi ne komercu tion verkon!  
-Oni partoprenas kun sama Permeso 3.0 Brazilo:  
Por reprodukti, disvatigi, vi uzu egalan permeson;  
-Vi vidu kompletan permeson:  
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>  
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/legalcode>

OUTUBRO 2015

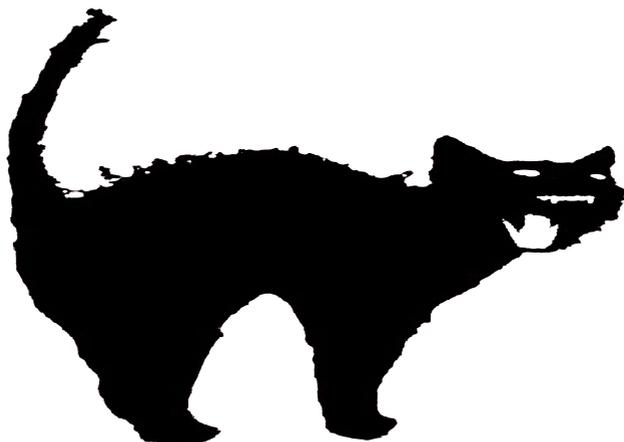


**EXPRESSIONES  
ANARQUISTAS  
CAMPINAS - SP  
PARTICIPE!**

ente em contato para saber mais:

fenikso@riseup.net - exprana@riseup.net

**anarkio.net**



## **Diferenças Sociais e Anarquia - fragmentos**

**Por ICN**

Em cada período, a sociedade se moldou de acordo com as suas limitações oriundas dos aspectos humanos em todos os sentidos. Em cada período também, não uma mais diversas sociedades existiram ao mesmo tempo como um céu estrelado, mostrando a diversidade dos homens na sua relação com o mundo, o que originava as mais diversas interpretações deste mesmo mundo. É importante salientar que isso não implica em dizer que existe uma correta ou uma errada, a existência de tais sociedades com esta liberdade de interpretação foram e são importantes sendo que o respeito para com essas sociedades e interpretações é imprescindível, fato que não ocorre atualmente no sistema pseudo-democrático em que vivemos.

Lentamente os indivíduos deixam a consciência de uma individualidade plena e irrestrita (mas não sem muita relutância), para a necessidade de união, de cooperação e de fraternidade com as outras pessoas, um “outro eu” que não “eu”, levando em conta as conseqüências que estes atos desenvolvem na individualidade ao mesmo tempo que as dificuldades individuais serão resolvidas ou exacerbadas em sociedade. A partir do aprofundamento do conhecimento existente na sociedade, deslumbram-se, entendem-se

como pessoa, por várias vezes rompem com os grilhões que identificam ser uma exploração desenfreada e severa gerada também por outras pessoas, suas semelhantes; ao romper estes grilhões estão deixando de ser uma mera coisa desvalorizada, sem sentido e quebram com a influência ditatorial da propaganda, da ideologia das pessoas vencedoras, deixando de pensar como tal coisa desvalorizada, vencida e escrava.

A mass-mídia está rigidamente controlada pelos cartéis privados, oligopólios das grandes agências e órgãos do Estado, Estado este, refém e laçao do mercado internacional (FMI, Banco Mundial etc) e manipulado por um grupo pequeno de capitalistas formado por indivíduos de vários países do globo.

Os grilhões identificados são agentes produtores e produtos formados por uma ideologia de “verdades obscuras” e promessas fúteis, moldando os produtivos rurais e urbanos, em marionetes produtoras de riquezas que vão se aglutinar nos poucos bolsos, sem fundos, sem limites de uma minoria multinacional próspera, astuta, perversa que exaure o planeta de suas energias vitais.

Multinacional no sentido de haver em todos os países essas pessoas ladras representadas por grupos proprietários financeiros, industriais e fundiários unidos mais do que as pessoas proletárias, em seu propósito de lucro máximo. Não é importante se as pessoas ladras são nacional ou não, porque a atividade que promoverão trarão conseqüências perversas ao conjunto social como um todo.

As conseqüências perversas e miséria do povo assola igualmente esta minoria propra, e seus bolsos por pertencerem na mesma sociedade em que tais pessoas miseráveis “ainda existam”. Mas, podem à custa destes mesmas pessoas miseráveis, segregar um mundo, um compartimento onde este grupo privilegiado pode viver de uma forma plena e segura longe do resto da sociedade. Elas têm acesso ao bem estar pleno graças aos miseráveis de ontem, de hoje e com certeza, se não fizermos nada, de amanhã. São os condomínios de luxo, mansões gigantescas e todos os espaços restritos as pessoas miseráveis para que a minoria prospera possa viver bem.

A minoria prospera além de roubar da maioria, produzem

missões espaciais para outros mundos. Não seria este o sinal de uma busca de um novo local para fugir da miséria e da destruição de uma Terra arrasada que eles próprios geraram e continuam a produzir?

Se há riquezas e esplendor em meio a dor e pobreza, com certeza não serão tão ricos tais homens nacionais ou não; se há liberdade em meio a disciplina autoritária, com certeza não serão tão livres como gostariam e sua democracia assegurada por uma constituição sobre suspeita sempre será letra morta ou ressuscitada a seu bel prazer, para manter sua consciência assassina tranqüila em meio a dor e a morte que gera e o cerca por muros altos e eletrificados. Bakunin nos diria semelhantes palavras:

“Cada homem que conheceis e com o qual vos encontrais em relação, direta ou indireta determina, mais ou menos, vosso ser mais íntimo, contribui a fazer de vós o que sois, a constituir vossa personalidade. Em consequência, se estais cercados de escravos, mesmo que seja senhor deles, implica que sois também escravos, pois a consciência dos escravos não pode refletir senão vossa imagem aviltada.”<sup>1</sup>

É necessário que todas as pessoas tenham acesso a riqueza e a liberdade (fato nada fácil e que está na agenda de várias vertentes socialistas), primícias de uma democracia real, não essa que impõe partidos para nos representar; não esta pseudodemocracia que cria mastins verde-olivas devoradores de quem o alimenta; não esta democracia fac-símile vulgar que gasta montes de dinheiro em projetos de idoneidade duvidosa ao seu bel prazer avalizados por pessoas que se dizem “especialistas”, impondo aos milhões de habitantes deste país à viverem em um estado de miséria e intolerância, reflexos na violência e degeneração em que se encontram e que não podem expressar sua insatisfação de uma forma democrática porque a pseudodemocracia não deixa e a polícia que seria um instrumento para segurança da democracia, se torna um agressor e defensor da pseudodemocracia.

Lembremos dos casos de Seattle em dezembro de 1999, de Porto Seguro em abril de 2000 e de Seul em maio de 2000, apenas como ilustrações dantescas dentre as inúmeras que arrebataram e continuam a surgir na pseudodemocracia e no autoritarismo real

instalado no mundo do imperialismo estadunidense. Mais recentes foram os eventos de rua em 2013 e 2014, onde uma onda enorme de pessoas reivindicavam todas as demandas reprimidas por décadas de descaso e violência e foram tratadas com todo o rigor da repressão. O fato que as pessoas que assumem a representatividade se vêm como donas da Republica, dos espaços publicos e fazem o que entendem ser mais conviniente é uma ilustração real da imposição da força leiga contra legítimas ações diretas da população por seus interesses.

Mas, apesar disso, existem as comunidades periféricas, as chamadas bases sociais onde há pessoas empenhadas a lutar contra esta condição deplorável que muitos acham inevitável. Tais lugares são os centros nevrálgicos da sociedade mas menosprezado<sup>2</sup>, neste ambiente que a política libertária se forma, se desenvolve e permanece.

Política formada no princípio literal de democracia, onde os cidadãos aprendem o difícil exercício de conviver com seu semelhante de uma maneira prazerosa, harmônica e respeitando as diferenças de cada um, procurando desta maneira, diminuir os malefícios desenvolvidos e aprimorados pelo Estado e pelo regime econômico imposto como um dogma absoluto, denominado capitalista (a ditadura do capital, que não significa a do trabalho) e que se traduz na maior ameaça à humanidade e à própria Terra até o presente momento.

A Terra com sua diversidade de vida, está sobre a gana incontrolável do sistema econômico capitalista, gerador de perversões, violência e destruição em larga escala, dos quais, muitos infelizmente se tornaram irreversíveis, já é previsto racionamento de água às nossas gerações futuras; as áreas desérticas aumentam de uma forma percentual grande, na medida que as áreas verdes se tonam um cemitério de árvores tombadas; as águas cada vez mais contaminadas necessitam conseqüentemente de mais química para ser utilizada e assim por diante...

Bakunin lembrava que uma revolução social era um ato destruidor e construtivo ao mesmo tempo. Mas nada se compara com o grau destruidor sistema econômico capitalista na busca de

“lucro máximo, gasto mínimo”. Na evolução capitalista só existe um ato: o ato destruidor, servo do já citado lucro máximo com gasto mínimo. A produção capitalista e sua tecnologia são um devorador dos potenciais naturais sem escrúpulos, com parcas e raras exceções que se não forem estendidas imediatamente, teremos um holocausto de dimensões globais.

Um exemplo do que estou a escrever, é o fato de indústrias de países com rígidas leis ambientais, se transferirem para países onde tais leis não existam ou se existem, são bem mais maleáveis do que no país de origem. Com consciência disso, devemos começar esta árdua tarefa de reconstruir o que destruímos.

1| Bakunin, Mikhail. O princípio do Estado. Novos Tempos: Brasília, 1989. pp. 17/18.

2|A não ser em nos períodos eleitorais. Nestes momentos, as pessoas políticas atraídas pelo açúcar do voto, verdadeiras varejeiras, prometem de tudo e tudo se torna tão fácil. Emporcalham, mentem, acusam e são acusadas, se vendem e compram a todo e qualquer tipo de preço. E no fim, após tanta embriaguez e ilusionismo, a ressaca amarga e sensação de que cada vez piora mais é que permanecem. E as moscas somem para voltarem nas próximas eleições, como se nada tivesse acontecido. A parte mais deplorável é que tudo isso é “democraticamente” obrigatório!



# SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL



## AÇÃO GLOBAL DE APOIO AS COMUNIDADES ZAPATISTAS 19 DE JULHO

Nós, zapatistas, queremos para todas tudo, para nós nada. Todas as que com arma ou sem arma, com rosto ou sem rosto, indígena ou não indígena tomam para si nosso sonho de um mundo melhor, são zapatistas.

★  
EZLN

**ANARKIO.NET**

FENIKSO  
NIGRA

Aurora Obreira Julho 2015 9



## Algumas palavras a respeito da Anarquia

É perceptível na história de seu movimento que os princípios anarquistas não são e nunca foram ortodoxos mas estão sempre mudando, corrigindo, melhorando, mantendo acessa sempre uma autocrítica honesta. Não seriam estes os princípios comuns da emancipação do homem e o um norte para aqueles que se consideram cientistas?

Princípios oriundos de uma dinâmica peculiar assimilada dos diversos grupos que praticam o ideário anárquico contra as correntes das diversas tendências ideológicas opressoras que habitam na sociedade e que procuram introjetar nos indivíduos seus valores e discursos, criando um moto continuo da conservação da sociedade opressora de si mesma.

O pensamento libertário, como qualquer pensamento, tem suas delimitações e estas são mais dos indivíduos do que do próprio pensamento libertário e é este uma obra em continua construção/destruição dos indivíduos a ela vinculados e esse é um importante recurso para que os indivíduos reciclem e desenvolvam

os seus pensar/ação de uma forma plena e livre na medida que pode romper suas correntes e duvidar de premissas sagradas ou de verdades científicas, enfim, dos dogmas que povoam a sociedade.

Portanto, uma análise do pensamento anarquista necessita a compreensão dos princípios norteadores do meio anarquista (antigos e novos, as diversas tendências), para que aja um exercício pleno do pensamento empenhado na aquisição de um conhecimento que significa diretamente ação.

É imprescindível também que esta análise tenha sua prova de fogo fora do meio libertário, junto a diversidade social, para que o pensamento libertário mantenha-se vivo, vibrante e sadio pela relação com a sociedade.

Uma não maturação de concepções, pensamentos e doutrinas no bojo da sociedade, implicam no alienamento das mesmas. Este equívoco, esse isolamento fantasioso, transforma modelos explicativos brilhantes, que teriam muito acrescentar a sociedade na sua saga de compreensão, em mofo e letra morta.

Geralmente isso acontece com mais frequência nas universidades, esses Leviatãs excludentes pela forma de acesso e monopolistas pelo formação e transmissão do pensamento intelectual, elemento este, essencial para o desenvolvimento de qualquer sociedade que almeje respeito e desenvolvimento do ser social coletivo e individual. Os estudantes de todos os níveis deveriam em empenhar-se na democratização do conhecimento que está se acumulando dentro das paredes universitárias, pois a sociedade urge por este conhecimento, agente e germe emancipador por excelência.

Ao contrário destas formas pensamento não maturados e armazenados em delimitados locais de acesso restrito, onde não é admitido a liberdade individual de pensar, isto é, uma ditadura do exercício de pensar; onde o questionamento pleno é uma tarefa comprometida na comprovação da ideologia que defendem e está sobre a vigília de uma burocracia (processos penais, códigos de direito, leis, diretrizes etc), enfim, podendo ocorrer até excomunhão, exílio ou morte e que hipocritamente negam ou assumem tacitamente, veremos que na história dos movimentos anárquicos,

ao contrário, não houve este dispositivo por excelência disciplinador (na medida que forma quadros em vez de esclarecer e informar as pessoas participantes) e arbitrário (uma vez que o modelo adotado é projeto de estâncias superiores e alheias ao todo em que pertencem), por justamente identificarem estes dispositivos de poder como produto de uma sociedade doente e destrutiva para com a maioria de seus cidadãos.

Os libertários procuram alternativamente, se harmonizarem e se unirem entre si, apesar das divergências sociais em evidência dos elementos da sociedade e mesmo, dentro do anarquismo. É a razão deste texto, aliás, apresentar as diferenças sociais com base no corpo teórico do anarquismo.

Existem diversos discursos ideológicos de matizes diferentes (leia-se ideologia na forma de omissão de determinados fatos para moldar uma determinada posição ou conservar uma situação específica) que tentam sempre uniformizar grupos polimorfos (o que é uma rica e preciosa diversidade social, produto de todas as relações humanas sem juízo de valor, se transforma em algumas categorias simples no que justificam “ser o necessário para apreender a sociedade”).

É perceptível que este ato de igualização só ocorre nesses discursos ideológicos-explicativos, apenas neles, é que esta padronização um tanto que forçada é aceita e assim fecham-se cada um em seu círculo ideológico.

Mas além destes muros de ilusões discursivas, é possível deslumbrar-se com várias sociedades com milhares de combinações possíveis (já comentado acima como rica e preciosa), apenas limitadas por mentes limitadas, impossibilitadas intelectualmente de acessar as diferenças sociais, compreende-las e o mais importante, respeita-las.

Contudo, isso não significa para os anarquistas, olhar um mundo de forma linda, sem defeitos, em resumo, como a uma ilusão utópica que muitos procuram vincular ao meio libertário. Chega de mais ilusões, porque a arte de enganar está na propaganda, na venda de produtos supérfluos aos crédulos do mundo do consumo. Está exposto nos jornais, nas notícias distorcidas e preconceituosas,

tudo que sabemos e porque queremos mudar, é verificável quotidianamente que o capitalismo mata, destrói e deteriora as relações sociais de uma forma até agora nunca vista. Mas continuemos estas linhas introdutórias, haverá mais momentos de explanação libertária no desenvolver deste texto.

Vários princípios anarquistas estarão sendo abordados de uma forma mais detalhada para melhor compreensão deste texto e na medida que se desenvolve, tentará manter a preocupação de não limitar-se ortodoxamente e por outro lado não ser muito generalizador e superficial.

No entanto, não procurará ao contrário de várias obras anarquistas (de Daniel Guerin, Max Nettlau etc) explicar o que seria e o que não seria anarquia, formando desta maneira, a circunscrição a qual se coloca o pensamento libertário, ora delimitar e identificar o discurso, principalmente o anarquista é perder em muitos sentidos, sua rica amplitude. Todavia, um discurso implícito existirá, um espectro libertário dará forma às palavras ou este texto não poderia ser feito.

Este exercício dito “científico” que muitas das petulantes vertentes (o melhor seria dizer “correntes sufocantes do socialismo”) socialistas se atarefam é criar uma forma de frear as potencialidades revolucionárias da sociedade que transcendem a explicação científica, “a ação e o pensamento se complementam” nos diria Proudhon. Talvez não percebam este processo de paralisação por estarem por demais engajados e contaminados por esta necessidade de gerar parâmetros “científicos”.

Não se pode negar as suas diversas contribuições acadêmicas, mas existe uma necessidade urgente de ação no sentido de atuação na sociedade de uma forma mais incisiva e objetiva, ou seja, que rompa com as muralhas da academia, distribuindo para sociedade o monopólio do conhecimento que as universidades guardam para si, em seus grupos de seletos e brilhantes pesquisadores. Uma teoria sem prática de nada serve e uma prática é tão razoável e tão necessária como uma teoria.

É perceptível e descarado para que serve este tipo de formação “esclarecedora” e monopolizada em centros de pesquisa, é a

tentativa de gerar dentro dos grupos oprimidos, uma aristocracia intelectualóide esclarecida e pretensamente na vanguarda dos fatos revolucionários por estarem “gerando-os”, dito de outra forma, uma vez que identificam um processo social em que há uma relação de desigualdade, exploração ou abuso de um poder que se diz legítimo, não significa que tenham os méritos ou sejam seus protetores diante do fato “descoberto”.

Ao contrário, é necessário que aja um esforço para que este novo fato consiga ser amplamente divulgado sem a cobrança de direitos autorais ou sentimento de posse, pois afinal queremos abolir a propriedade, esse mal que nos tira a liberdade (e para que serve os muros, as cercas e todo tipo de restrição que dizem ser para assegurar um certo direito? Direito de oprimir e proteger o larápio proprietário em detrimento dos reais produtores de riquezas, os trabalhadores!) e gera degeneração das relações humanas, pois onde era fraternidade, inimizade, e onde era para dividir se tem a ganância, inveja e a acumulação, em suma: roubo e propriedade são sinônimos (Proudhon).



**PESSOAS**

**ESTUDANTES, TRABALHADORES, DESEMPREGADAS**

**O PODER NÃO SE DESTRÓI  
SOZINHO ...**



**PRECISA DA SUA AJUDA!!!**

**CONHEÇA O ANARQUISMO  
&  
ORGANIZA E LUTA!!!**

**[www.anarkio.net](http://www.anarkio.net)**

**[fenikso@riseup.net](mailto:fenikso@riseup.net) [lobo@riseup.net](mailto:lobo@riseup.net)**



A idéia da Anarquia guia-se por muitos princípios dinâmicos, assim como é a própria sociedade atual brasileira de economia capitalista, economia esta devedora de muitos bilhões ao mundo e a.

Tal situação dinâmica sempre mantendo sua disposição para liberdade irrestrita; uma liberdade de fato, de igualdade entre os indivíduos, embora e como vai ser notado durante este texto, se reflita muito da divisão do trabalho que é uma marca da dinâmica econômica do capitalismo.

O pensamento acrata, e aqui é importante apresentar aos que não têm maior conhecimento do anarquismo, que ele se apresenta com outros nomes: socialismo libertário, sistema acrata. Embora estes nomes falem da mesma coisa, eles são usados para abrandar o impacto negativo e pejorativo que a palavra anarquia trás em seu bojo.

O socialismo libertário está engajado na construção de uma sociedade mais justa a partir de hoje e do agora, portanto, sem transições ditatoriais, uma nova dinâmica social onde todos os indivíduos possam se fazer políticos ativos e participantes diários nos diversos aspectos da sociedade local a qual pertence e a que as

diferenças individuais e sociais sejam um fator de união e não agente de opressão e discriminação social, diferente do que, por exemplo, se desenvolveu no seio do antigo Estado soviético marxista-leninista, na forma de uma burocracia central privilegiada.

Ao contrário, a tendência das diferenças sociais dentro de uma revolução de molde libertário é de sofrer uma redução quantitativa e haver um rodízio nas diversas atividades profissionais, procurando alternar constantemente as tarefas, evitando assim gerar pontos de segregação ou de prestígio, em poucas palavras, diminuir ao máximo as relações remanescentes de poder individual e social do sistema a ser suplantado. Fato este que na ex-URSS não aconteceu, e onde havia erradicado o lucro e a tirania dos Romanov, este foi substituído pelo exclusivismo burocrático do partido único.

A compreensão deste fato, da construção de uma sociedade mais justa desde de já, é essencial para os libertários e simpatizantes, visto que é a primeira vista, diretrizes de qualquer partido (se bem que mais como um fim longínquo e teórico do que uma prática diária), está declarado na Constituição (como aparato de ficção jurídica e utilizado no discurso hipócrita do sistema atual) e é cantado nos quatro cantos do globo, embora a canção opressora soe com muita jactância para os oprimidos que a ouvem e a galhardia do politikeiros de plantão não mascaram a podridão que fazem parte.

Então, quando surgem (mas não do nada ou de geração espontânea) grupos que contestam a sociedade e pregam o fim de todas as formas de opressão, surge uma pergunta: Do que estão falando, aonde está esta opressão tão famigerada e quem a exerce? Não vivemos em uma democracia? Não temos liberdade? Se cada um trabalhasse, não haveria tanta pobreza?

Primeiro, a opressão aparece onde menos esperamos, ou seja, ao nosso lado, entre os supostos amigos, na família e em nós próprios. Infelizmente é um fato que procuramos sempre negar e que nossa autocrítica sempre é ineficiente e complacente.

Enquanto nossa crítica é tão ácida, rigorosa e intolerante perante aos outros, quando aplicada a nós se ameniza de tal forma

que tornamos quase modelos “santificados”, imaculados e redimidos de todo erro e pecado.

É necessário aqui lembrar que todos os homens erram, mas somente poucos assumem seus erros. Talvez esta conduta já tenha um cunho libertador. Nossa obstinação é cega e só enxerga os erros dos outros, como se nossa parcela de quiproquós nada fosse. Brigamos com os nossos próximos, somos intolerantes perante eles e em muitos casos, nossos comentários ferinos assumem dimensões assustadoras.

Senhores, se fossemos honestos, não haveria tanta injustiça neste mundo, mas o conceito de injustiça é muito amplo e de várias versões, principalmente para quem acha que tem muito para assegurar, conquistar e manter. Uma outra questão aqui, pode, dentro tantas, surgir:

Se tudo isso não passasse de uma conspiração imaginária e o mundo estivesse em harmonia, apesar de alguns desajustados?

Muito desconfiável é este tipo de elaboração discursiva, uma vez que existem milhões de pretensos desajustados para poucos em harmonia de fato e talvez a ascense ao nirvana esteja em um grupo que valoriza o capital, ligada as emanações míticas da moda do bem gastar em futilidades que lamentavelmente espalham por toda sociedade. Os fatos diários demostram aumento de uso de armas, de seguranças armados e de grupos que clamam por mais policiais nas ruas, no que equívale dizer, “coloquem mais violência nas ruas que somos seus reféns, por favor!” Quanto maso-sadismo e neurose!

E em relação a “harmonia de estar de bem de vida”, é mostrada a partir de quem oprime, ou seja, falácia burguesa que esconde seus esqueletos nos armários (como as ossadas de Perus que está paralisada em algum porão do IML da UNICAMP, sobre custódia de Badan Palhares!) da propaganda e meios de informação (mass media) que controlam.

É fato notório a censura branda existente por parte do governo e das empresas de comunicações privada( que na maioria, se não todas, são de grandes proprietários) para com os assuntos importantes para a sociedade. Práticas de distorcer, pré-selecionar e edições dilaceradoras das notícias, conseqüentemente controlando o

que é e pode ou não pode ser transmitido.

E quando são transmitidos, estão todas as notícias maquiadas que perdem seus conteúdos de importância e neste caso, os oprimidos ficam duplamente desajustados, por estarem por inteiro submetidos aos valores da sociedade que os dominam e mal informados por meios de comunicação idoneidade duvidosa que selecionam nossa informação.

Avaliando por uma outra perspectiva seria que analisando os programas televisivos que chegam às milhões de residências, invadindo de uma forma arbitrária incontestável, sua maioria são encomendados e elaborados na ótica de pequenos grupos que contém grandes parcelas dos valores econômicos políticos, morais e sociais, do país e os querem mante-los e aumenta-los (vantagem e lucro máximo sempre), camuflando muito bem a diversidade desigual da distribuição de tais valores societários pelo imensidão do país.

Colocando-se em posição oposta à estes e muitos outros tipos de violências cotidianas, se apresenta a Anarquia como uma alternativa e meio de mudança efetivo da sociedade, não só no âmbito coletivo, mas também no plano de cada indivíduo (o reencontro com seu próprio ser e a volta a sentir prazer de uma forma intensa com a vida, que fora “domesticada”, “disciplinada” e que recomeça a se soltar, a conquistar a liberdade do próprio corpo), se bem que a relação social já tem muito de cada indivíduo e vice versa e não poderia ser de outra maneira, pois negaria está interação e a essência da sociedade.

A anarquia, ao promover uma alternativa social procura simultaneamente amplia-la para todas as esferas, para haver uma mudança de fato em cada eu participante da sociedade, fato fundamental para uma reestruturação efetiva das relações sociais e sem o qual, não há revolução que consiga permanecer por muito tempo.

A idéia de um individualismo radical, de um “eu” absoluto e independente é um tanto que ingênua e limitada, por diversos pontos neste sentido, relação coletivo/indivíduo.

Em resumo, a afirmação do tal “eu” necessita de um outro que

não “eu”(Sartre); tal manifestação não é produto acabado de um só “eu”, mas é maturada nas relações do “eu” com o “outro”, reconhecida na convivência social; o “eu” necessita dos “outros” para viver, isto é, construir determinados utensílios, equipamentos, serviços etc.

É claro que o “eu” necessita de privacidade diante da sociedade, mas esta só lhe é dada com uma condição, carregá-la introjetada neste “eu” que se diz soberano. A anarquia não é contra o individualismo, mas contra sua falta de solidariedade com o todo societário e contra principalmente ao apego mesquinho a miséria da propriedade.

O socialismo libertário ou anarquia é também totalmente contra qualquer forma de manutenção da ordem estabelecida, esta que nos governa, por que ela é, nas acertadas palavras de Proudhon :

“...ser guardado à vista, inspecionado, espionado, dirigido, legislado, regulamentado, parqueado, endoutrinado, predicado, controlado, calculado, apreciado, censurado, comandado, por seres que não têm nem o título, nem ciência, nem a virtude...” (P-J Proudhon, 1860)

Ou seja, uma relação “anormal” entre as pessoas da sociedade, onde as relações igualitárias teriam um caráter emancipador, mas por haver o governo, um elemento agressor do social por se impor arbitrariamente e se transforma também em agente de retrocesso social, pois enquanto uns poucos tem acesso as novas tecnologias, parcelas enormes redescobrem os males de doenças que haviam sumido a muito tempo (doenças tropicais, por exemplo).

Esta relação também é psicossomática, onde as pessoas são limitadas intelectual e corporalmente de uma forma repressiva, se não for uma tautologia relacionar repressão com limites porque, ao menos na sociedade atual, todas as esferas de relação social estão regidas pela tutela do Estado e das leis geradas por um grupo de supostos representantes da população que “não têm nem o título, nem ciência, nem a virtude...” para efetivar as ações necessárias a todos. Como exemplo disso, o Parlamento enclausurado em um rincão serrano (mesmo com toda tecnologia de comunicação),

mantêm-se distante do dia-a-dia da maioria população e mesmo assim tem a petulância e o poder de tirar ou colocar qualquer coisa à qualquer um de uma forma duvidosa e onerosa. Onerosa no sentido que seu ritmo de trabalho “é estafante”, com jornadas de três a quatro dias no máximo, com as despesas e mordomias todas pagas etc. por quem? Exatamente, prezado leitor, por nós!.

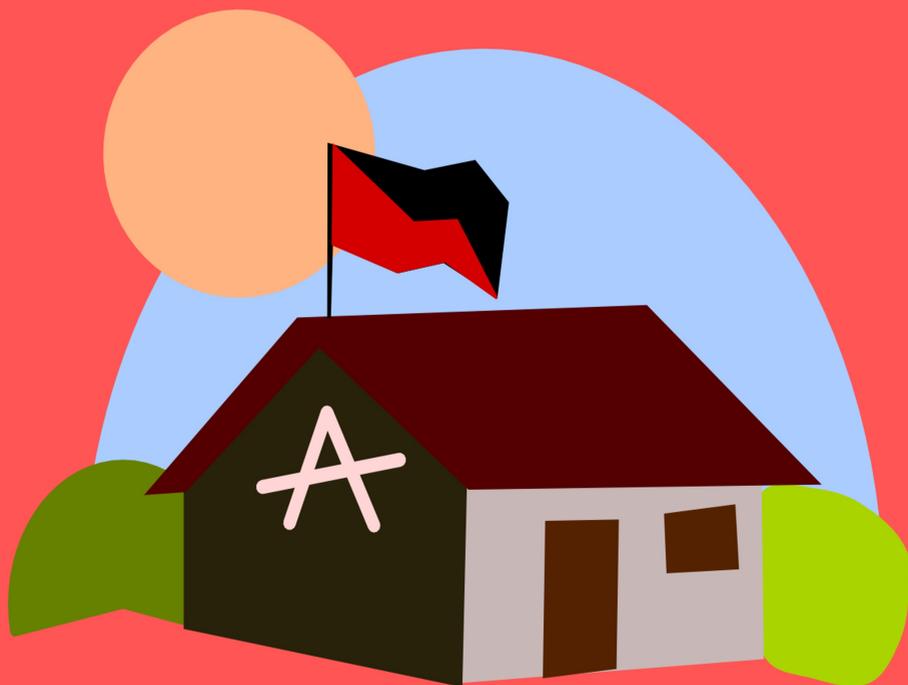
Estes “escolhidos” têm não só o poder de dizer o que fazer, mas como fazer e do que fazer pela sociedade, colocando impostos, vendendo e comprando indústrias de acordo com o pensamento da moda, regulamentando casamentos das pessoas, dizendo o que devemos fazer com a liberdade restritiva que fabricam em conchavos parlamentares, delimitando-a pelo que acham inadmissível com sua ética torpe e cínica, entrando de uma vez na vida de cada indivíduo de uma forma arbitrária e tutelar (disciplinando e ordenando o ser), sempre com a desculpa de serem nossos representantes democráticos e acharem que somos incapazes para autogestão.

A marca maior da conduta democrática por parte destes “escolhidos” é a coerção traduzida na forma de “obrigações” que traduzem por deveres, em uma operação de inversão e associação digna de mágicos: votar, servir o exército, obedecer a ordem, etc. Em conjunto à “obrigação”, porque ela sozinha, apenas como preceitos morais, é ineficaz, necessita de instituições (escolas, igrejas, faculdades, exércitos, cadeias etc.) que lhe garantam a manutenção de seu sistema e que o desenvolva de uma maneira a não modificá-lo estruturalmente, mas só na aparência, gerando seres obedientes, dóceis e sem nenhuma ação livre, imprevisível.

Acreditam muitos socialistas que a conquista de tal governo capitalista através do sufrágio, isto é, da “obrigação de votar”, que tal “sésamo” abrirão as portas do desenvolvimento e do processo revolucionário que almejam; que uma utilização da máquina estatal, uma vez purificada de seus vícios burgueses e tecnocráticos, purificação esta, que se diga de passagem, é um trabalho hercúleo mesmo para uma sociedade inteira, conseguiriam unir os elementos estruturais (tanto infra, como superestrutura) para saírem da pré-história de roubos e contradições de sistemas antagônicos e uma

entrada triunfante na história, de tapete vermelho “made in China”, charutos cubanos e tudo mais, tal como é o socialismo predicado e indicado pelos ideais socialistas “científicos” ou deles pode-se concluir tal alusão em uma leitura acurada.





# **NOSSA Casa NOSSA luta!**

Iniciativa por espaços  
sociais autônomos  
sem partidos, sem patrões  
sem religiões, sem Estado  
[anarkio.net](http://anarkio.net) - [fenikso@riseup.net](mailto:fenikso@riseup.net)

Vizitu nian  
interetan paĝon



**HTTP://ANARKIO.NET**



- Tekstojn;
- Imagojn;
- Agojn, ktp

Retadreso:

[fenikso@riseup.net](mailto:fenikso@riseup.net) aŭ [barriliber@anarkio.net](mailto:barriliber@anarkio.net)  
[lobo@riseup.net](mailto:lobo@riseup.net)

**ANARKIO.NET**

ATÉ O FIM DE TODAS  
CLASSES SOCIAIS